

## IDEIAS SOBRE ARTE-EDUCAÇÃO A PARTIR DE UMA OFICINA DE SERIGRAFIA ENTRE LICENCIANDOS EM ARTES VISUAIS DO PIBID

RAFAELA BARBOSA RIBEIRO<sup>1</sup>; CAROLINE LEAL BONILHA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – rafaelabribeiro@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – bonilhacaroline@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

Desde novembro de 2022, faço parte do PIBID Artes Visuais, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. Um programa que, como categorizado pelo seu nome, ocorre no início da formação universitária e, portanto, apresenta e insere estudantes ingressantes de licenciaturas ao universo da prática docente em escolas da rede pública (DECRETO No-7.219). Além dessa introdução ao exercício profissional, o PIBID também reúne semanalmente trinta estudantes que se encontram, quase sempre, com as mesmas angústias, dúvidas e indagações. Essa segunda competência do Programa me parece tão valiosa quanto qualquer outra, porque esses encontros podem funcionar como rede de apoio que, no futuro, provavelmente, não teremos a mesma oportunidade de troca. Assim, o título "Ideias sobre arte-educação a partir de uma oficina de serigrafia entre licenciandos em artes visuais do PIBID" sinaliza o início de uma discussão, que tange a grandeza de estudos sobre o ensino da arte e a formação de arte-educadores. Neste resumo, analiso a oficina mencionada como uma oportunidade para refletir sobre a formação de arte-educadores no contexto acadêmico em que habito.

Este texto é escrito por uma artista visual que atualmente cursa a licenciatura em artes visuais, e que se depara com as distâncias e aproximações estabelecidas entre os dois cursos, bacharelado e licenciatura. Compartilho da vontade descrita no trabalho de conclusão de curso de LUA REIS, sobre arte-educação, de querer uma educação que aconteça *em arte* (REIS, 2019, p. 15). A ideia de 'acontecer em arte', em vez de 'acontecer com a arte' aponta um desvio que considero relevante e fundamental para a conversa que trarei aqui, por acreditar que este desvio possa ser feito através de vivências e experimentações em ateliê. Ainda, a autora escreve que lhe parece "irremediável a ideia de uma prática docente que se associe à uma prática artística" (p. 15) e concordo com ela à medida em que percebi como a oficina desenvolvida reelaborou, de maneira positiva, a relação entre colegas e também a relação entre nossas práticas.

Sempre me interessei pela ideia de o PIBID funcionar por meio de oficinas nas escolas conveniadas. A razão para isso é que as oficinas não precisam seguir rigorosamente os planos de ensino da escola. Às vezes, essa liberdade nos leva a repetir o que já acontece diariamente nas aulas de arte. Isso não quer dizer que o comum não possa ser interessante, mas acredito que podemos fazer outras coisas.

Analizando tudo isso, começo a perceber que existe em nós, integrantes do PIBID Artes Visuais, a falta de experiência em sala de aula e também a falta de experiência em arte. É de se esperar, afinal, que ingressantes não tenham experiência em assuntos próprios do curso que acabaram de iniciar. Me pergunto então, o que nos sobra? O que existe além da falta? Esta mesma pergunta pode ser usada para pensar a realidade do ensino público brasileiro numa igual tentativa

de encontrar maneiras de emergir às impossibilidades impostas (GALLO, 2007, p. 67).

## 2. METODOLOGIA

Durante um dos nossos encontros semanais, surgiu a ideia de realizar oficinas internas entre nós. Propus uma oficina de serigrafia para criar camisetas com a identidade visual que desenvolvemos para nosso grupo (Figura 1 e 2). A proposta seria, então, uma oportunidade de apresentar as possibilidades criativas e reflexivas que o ateliê de serigrafia poderia proporcionar. Desde então, me dediquei a pensar estratégias para tornar o ateliê e o fazer serigráfico mais acessível e convidativo.



Figura 1 e 2 – demonstração digital dos modelos de camiseta e camisetas prontas. Fonte: acervo próprio.

Os encontros foram previstos para acontecer em duas tardes, para facilitar a presença de todos. Antes disso, realizamos o orçamento dos materiais necessários, a arrecadação do dinheiro, a digitalização das imagens, a compra do material (tecido, emulsão, fotossensibilizante, tintas e impressões), o transporte do material e o agendamento do ateliê de serigrafia da Universidade Federal de Pelotas. Também, fizemos um levantamento de quantas pessoas já haviam trabalhado com serigrafia, quantas estavam dispostas a pensar a oficina junto e quantas nunca haviam tido contato com a técnica. Foram necessárias quatro telas para serigrafar a imagem escolhida: três delas de tamanho maior, para a produção de impressões em camadas, e a quarta de tamanho menor e independente. Devido ao número de participantes, selecionei outras imagens para garantir material suficiente que proporcionasse a participação ativa de todos no processo. Isso resultou em um total de seis telas, três em cada encontro.

A partir disso, planejei um encontro que começasse por uma conversa, perguntando qual a ideia que tinham sobre a técnica ou a linguagem da gravura, o que conheciam e qual a proximidade deles com aquele espaço. Depois apresentaria os nomes das coisas: materiais e processos, convidaria a conhecer os espaços, apresentaria minha produção pessoal em serigrafia e ainda apresentaria variações e alternativas para uso da linguagem.

A grande maioria nunca havia experimentado serigrafia e pareceram animados em conhecer. Ao longo do encontro, a conversa prévia à prática foi tomando sentido e estabelecendo relações com a realidade de muitos. As ideias do que queriam fazer em suas próprias camisetas foram nascendo e se aprimorando à medida que entendiam as possibilidades (Figura 3 e 4).



Figura 3 e 4 – Mão em ação e camiseta da Isa. Fonte: acervo próprio.

Ainda assim, muitas vezes, fui questionada se poderiam usar outra cor ou se poderiam mudar a forma de impressão em suas próprias camisetas. Perguntaram-me se essas alterações seriam um problema. A cada vez que eu recebia esse tipo de pergunta, me sentia assustada: “quer dizer, a arte não é o desregimento?” (PASTA, apud. BARBIERI, 2008). Se estão tendo a oportunidade de intervir em suas roupas, porque eu teria respostas para tais perguntas?

Ainda que houvesse um modelo ao qual nos baseamos para começar a produção, dentro de um curso de artes, um modelo é para ser entendido como referência, demonstração. Além disso, as impressões e as telas já produziam mudanças em relação ao *mock-up*<sup>1</sup>, seria de qualquer maneira, diferente, de qualquer maneira outra cor, outra posição. Pensando nas discussões do início do texto, essa seria a educação *em* arte: caminhar por onde a criação nos leva.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro dia, o planejamento foi satisfatório. No segundo dia, me incomodou a repetição das coisas. Eu me perguntava o que poderia fazer de diferente e não era suficiente entender que o grupo era outro, se para mim parecia igual. Me sentindo cansada, conversei sobre essa situação com o grupo. Criou-se um momento de conversa e refletimos sobre como nossa profissão está fadada à repetição e o quanto triste e desanimador isso pode se tornar ao longo dos anos. Não à toa, vemos diversos relatos de professoras (majoritariamente mulheres) exaustas e entediadas à espera de sua aposentadoria que pouco lhes promete. Esta seria como a *educação maior*, denominada por SILVIO GALLO (2007) ao visitar a filosofia de Deleuze. Aquela que se agarra a ideia de que o ensino pressupõe o aprendizado logo como uma certeza (GALLO, 2007, p. 65), como se houvesse método ou fórmula certeira, que deva ser repetida invariavelmente.

Além de toda problemática de generalizar a ideia de aprendizado, me preocupo aqui com a manutenção de interesse deste professor-repetidor de conteúdo. O quanto preocupante é desinteressar-se por aquilo que se faz e não poder

---

<sup>1</sup> O termo em inglês “mock-up” é usado no design para se referir a uma representação digital em escala ou tamanho real de um produto.

pensar outras formas de fazer para também agradar-se? É um problema pensar em também agradar a si mesmo?

GALLO traz a *educação menor* em contraposição: “não interessa à educação menor criar modelos, propor caminhos, impor soluções”, pois “é um ato de singularização e de militância. [...] o professor militante, por sua vez, está na sala de aula, agindo nas micro-relações cotidianas, construindo um mundo dentro do mundo, cavando trincheiras de desejo.” (GALLO, 2007, p. 65). Então, onde está a chave para a transição de uma ideia de educação para outra? Escrevendo este texto, percebo que uma sugestão seria a tomada de consciência do ser professor, que é também um artista, um estudante, um colega... e que pode ser e criar muitas outras coisas. Em palavras *serigráficas*, é “vestir-se de si” (ABREU, 2023, p. 36) como um exercício de autonomia.

#### 4. CONCLUSÕES

Retomo, então, às perguntas direcionadas ao grupo do PIBID, em pleno processo de formação docente, para pensar propostas: o que nos sobra? O que existe além da falta? Poderia dizer que nos sobra vontade, energia, tempo, curiosidade, mas isso não é exatamente verdade. O que nos sobra é algo mais simples: quantidade, somos muitos. Nessa heterogeneidade que o grupo pode se perceber múltiplo e apresentar suas diversidades de ideias, desejos e angústias. O processo de se perceber pode ser uma tarefa longa, mas percebo que momentos como os encontros da oficina de serigrafia proporcionam uma abertura para entender esse processo, nos aproximando do que nos interessa, do que sentimos falta, do que pensamos e do que inventamos.

A prática em arte é aquela que torna visível a invenção, a criação, como um modo de fazer. LUA REIS escolhe se apresentar como “tecedora” (REIS, 2019, p. 4, cap. 1) por considerar sua prática e seu processo criativo como integradores da sua formação. Dessa forma, perceber a invenção é também uma maneira de inventar a si mesmo, abrindo caminho para novos termos e conceitos. E se permanecermos atentos ao que nos provoca encantamento, isso pode se refletir em nossa prática como educadores.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, A. M. **Experiências poéticoeducativas de uma serigaita gráfica – compartilhamento de saberes e afetamentos** - 2023. Monografia (Graduação de Licenciatura em Artes Visuais) - Universidade Federal de Pelotas.

BARBIERI, S. Formação intermitente. **Revista da Universidade Santa Marcelina**, São Paulo, 2008.

**DECRETO No-7.219**, DE 24 DE JUNHO DE 2010 Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID e dá outras providências.

GALLO, S. **Deleuze e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

REIS, L. S. **Tecer em arte-educação**. 2019. Monografia (Graduação de Licenciatura em Artes Visuais) - Universidade Federal de Pelotas.